

**FACULDADE CATÓLICA DE ANAPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
INSTITUCIONAL E CLÍNICA**

MARIA PEREIRA DA SILVA JUNQUEIRA

**O JOGO COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SINDROME DE DOWN**

**ANÁPOLIS
2012**

MARIA PEREIRA DA SILVA JUNQUEIRA

**O JOGO PEDAGÓGICO COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SINDROME DE DOWN**

Trabalho apresentado à disciplina de Estágio Supervisionado em Psicopedagogia Clínica-Institucional, orientado pela professora e supervisora: Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS
2012

MARIA PEREIRA DA SILVA JUNQUEIRA

**O JOGOPEDAGÓGICO COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA NA
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicopedagogia Instituição e Clínica, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Instituição e Clínica, sob a orientação da Profa. Pedagoga, especialista em psicopedagogia e psicóloga, Ana Maria Vieira de Souza

Anápolis, 31 de Março de 2012.

Data da aprovação: ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora

Professor Convidado

Professor Convidado

LISTA DE SIGLAS

- C.M.E.I. Centro Municipal de Educação Infantil
- APAE Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
- UTI Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	06
CAPÍTULO 1- METODOLOGIA -----	08
1.1 CAMPO DE ESTÁGIO-----	08
1.2 TÉCNICAS-----	08
1.3 PROCEDIMENTOS -----	08
CAPÍTULO 2-DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO -----	09
2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADO-----	09
2.1.1 Anamnese -----	10
2.1.2 Pareja Educativo-----	11
2.1.3 Verificação da superação ou não do realismo nominal-----	11
2.1.4 Diagnóstico de leitura -----	13
2.1.5 Leitura de imagens -----	15
2.1.6 Aplicando o jogo da memória-----	16
2.1.7 Trabalhando com o alfabeto móvel -----	17
2.1.8 Jogo de boliche -----	19
2.1.9 Jogo cadê o anel?-----	20
2.1.10 Jogo bingo de letras -----	20
2.1.11 Jogo da memória números e quantidades-----	21
2.1.12 Provas de Piaget -----	22
1. Conservação das quantidades de líquidos -----	22
2. Conservação da quantidade -----	23
3. Conservação de peso -----	24
4. Conservação do comprimento -----	24
2.1.13 A hora do jogo diagnóstica-----	25
CAPÍTULO 3 RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO -----	27
3.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO -----	27
1 Dados pessoais -----	27
2 Motivos do encaminhamento -----	27
3 Tempo de investigação -----	27
4 Instrumentos utilizados -----	27

5	Análise dos resultados nos aspectos-----	28
•	Aspecto afetivo / emocional -----	28
•	Aspecto social / cultural -----	28
•	Aspecto corporal -----	28
•	Aspecto cognitivo pedagógico -----	28
6	Síntese dos resultados -----	28
7	Recomendações e indicações -----	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	30
	ANEXOS -----	31

INTRODUÇÃO

Os problemas de aprendizagem começaram a ser estudados e tratados por médicos, na Europa no século XIX, especialmente na França. Acontece então, o surgimento da Psicopedagogia, como ciência, onde houve um início de debates, por parte de especialistas como neurologistas, Psiquiatras e Educadores, que, conjuntamente, começaram a estudar e trabalhar os problemas relacionados ao comportamento, no que se referem ao desenvolvimento cognitivo, afetivo, emocional, orgânico e motor, para compreender como acontece a aprendizagem e porque o aluno não está conseguindo aprender.

Já no Brasil, a psicopedagogia surgiu, na década de 60, demonstrando preocupação com questões relacionadas com a educação, em especial, o fracasso e a evasão escolar. Nos anos 80, debates e reflexões, buscam uma visão mais ampla do processo de aprendizagem, levando em consideração os aspectos sociológicos e culturais, como também uma visão mais crítica sobre como este processo acontece.

A psicopedagogia tem como objeto de estudo, a educação, como ela funciona e como está sendo tratada por parte de todos os envolvidos, principalmente o aluno. Assim, minimizar os fatores que estão impedindo a aprendizagem. Segundo Weiss(2000)“A psicopedagogia busca o aperfeiçoamento das relações com a aprendizagem, bem como a melhoria da qualidade na construção da aprendizagem dos alunos.”

Desta forma, este trabalho tem por objetivo buscar compreender a psicopedagogia como uma ciência, que possibilita a compreensão, por parte do psicopedagogo, do significado do não aprender, o que está impedindo o aluno a ter uma aprendizagem dita “normal”. Como também, como uma criança com a síndrome de down se desenvolve e como ela pode aprender a partir de suas limitações. Pois, ainda hoje encontra-se pessoas, que duvidam que crianças com síndrome de down, possam aprender, tratando-as com indiferença, não lhes oferecendo estímulos e as condições necessárias à vida de qualquer indivíduo. E como o professor pode intervir positivamente durante o processo ensino aprendizagem, utilizando recursos como os jogos pedagógicos. Compreender, como os jogos pedagógicos podem auxiliar o psicopedagogo, nas suas intervenções, em especial, com crianças com

necessidades especiais. já que este parece ser um dos recursos mais significativos para a criança com síndrome de down.

E assim, no decorrer da pesquisa de campo, utilizando técnicas que são objetos próprios da psicopedagogia, perceber como elaborar algumas hipóteses para a construção de um psicodiagnóstico, e se necessário, sugerir um encaminhamento profissional.

Com o objetivo de verificar na prática, como a teoria aprendida no durante o curso, funciona, o estudo de caso foi realizado, num Centro Municipal de Educação Infantil (C.M.E.I.), na cidade de Anápolis-Go. A partir do contato com a gestora da instituição, combinado como seria e quanto tempo levaria o estágio, foi indicado nome de uma aluna, com necessidades especiais. A aprendente, por nome G. tem seis anos completos, e é uma criança dawon.

A metodologia a ser utilizada, serão os teste próprios da psicopedagogia, complementados com alguns jogos pedagógicos, para o levantamento de hipóteses e uma melhor clareza na elaboração do psicodiagnóstico.

CAPÍTULO 1-METODOLOGIA

1.1 CAMPO DE ESTÁGIO

A ida a campo é uma importante fase, da formação profissional, pois, é nele, que o psicopedagogo, entra em contato direto com o aprendente e sua família, experimenta as técnicas próprias da psicopedagogia e levanta hipóteses sobre as dificuldades prováveis,do mesmo.

1.2 TÉCNICAS

As técnicas são objetos técnicos próprios da psicopedagogia,como a anamnese, pareja educativa, a verificação da superação ou não do realismo nominal, diagnóstico de leitura, leitura de imagens,provas operacionais de Piaget, a hora do jogo diagnóstica, e alguns jogos como:jogo da memória, alfabeto móvel, jogo de boliche,cadê o anel,bingo de letras e jogo da memória (números e quantidades).

1.3 PROCEDIMENTOS

Após, entrar em contato com a escola e sendo permitido pela diretora da instituição, encaminhado a aprendente, o motivo do encaminhamento, e a família comunicada e devidamente esclarecida,como será o atendimento.Foram marcados dia e hora do atendimento , num total de 16 sessões com a aprendente, iniciada dia 02 de setembro, estas ocorreram na própria instituição, em uma sala preparada devidamente de acordo com a técnica a ser utilizada.

CAPÍTULO 2- DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

O diagnóstico psicopedagógico, consiste em uma investigação, de uma queixa, levantada pela escola, família ou do próprio aprendiz, muitas vezes por dificuldade na aprendizagem. Causadas por não conseguir aprender, por aprender com dificuldade ou mesmo não querer aprender. Como o caso a ser estudado, como os jogos podem ajudar a uma criança com síndrome de dawon a aprender.

Para Weiss(2008,pg.29) : “ Todo diagnóstico psicopedagógico é,em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada.”

O psicopedagogo,deve estar sempre bem preparado, conhecer as técnicas, para que possa atuar com propriedade nas áreas relacionadas ao processo de aprendizagem e aos transtornos, que por sua vez possam aparecer durante este processo. Segundo Monte Serrat (2009, p.204) “não só pode, como deve se apropriar de tais conhecimentos, tendo em vista que sua ação esta ligada tanto à prevenção quanto ao tratamento de dificuldades de aprendizagem.”

Portanto, além de conhecer a teoria e a ação a ser aplicada para levantamento de hipótese para o diagnóstico psicopedagógico, o psicopedagogo deve ter um olhar diferenciado, em relação as dificuldades de aprendizagem e ao aprendente que esta a sua frente, para que possa ajudá-lo a encontrar um caminho que leve a aprender, muitas vezes a reaprender ,a ter confiança em se próprio e principalmente ajudar educadores e instituições a prevenir tais dificuldades.

2.1 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

Os instrumentos para coleta de dados e levantamento de hipóteses,foram a aplicação de entrevista com a família, testes psicopedagógico, sessões lúdicas e também alguns jogos pedagógicos como complemento para o levantamento de hipóteses.

Então, para um bom direcionamento do estágio supervisionado de psicopedagogia clínica, seguiu-se os passos e a abordagem de Maria Lúcia Weiss, para construção do diagnóstico psicopedagógico. Segundo a autora (2008, p.29).”o

diagnóstico psicopedagógico é em si, uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada.”

2.1.1 ANAMNESE

Portanto, o estudo de caso, foi iniciado a partir da anamnese, sendo este o primeiro passo, de acordo com Maria Lúcia Weiss, de um psicodiagnóstico. Durante a anamnese, pode ser observado a importância de se conversar com a família para assim, termos a noção exata de como eles convivem com o aprendente, qual a importância que este, tem para eles e principalmente como eles o enxergam. Sobre a anamnese Weiss diz :” ... um dos pontos cruciais de um bom diagnóstico. É ela que possibilita a integração das dimensões do passado, presente e futuro do paciente...” (WEISS,2001,p.61).

Embora, alguns familiares, tendem a encobrir ou omitir alguns fatos, acabam sempre nos ajudando, através de uma palavra ou gesto, a elaborarmos as primeiras hipóteses para o psicodiagnóstico. Sendo assim, é muito importante estar atento a todos os detalhes, enquanto está acontecendo a anamnese. Ela deve ser bem elaborada, aplicada e registrada, para que atinja o objetivo esperado que o de colher dados significativos sobre a vida do paciente. Para Weiss: “..Da análise do seu conteúdo, obtemos dados para o levantamento de hipótese sobre a possível etiologia do caso...”

No início da anamnese, a mãe da aprendente pareceu não estar muito confortável, frente a situação em que precisaria relatar acontecimentos sobre o nascimento e os primeiros anos de vida da criança, no decorrer da sessão foi adquirindo confiança.

De acordo com a mãe a G. nasceu de parto normal, e ainda na sala de parto, foi comentado com ela que a bebê era portadora da síndrome de dawon, após nascer foi levada para Unidade de Terapia Intensiva (UTI), por problemas cardíacos e ficou internada alguns meses, durante esses dias também tomou banho de luz. A mãe relatou , que durante o tempo que ela e a bebê ficaram no hospital, o pai não falou para pessoa alguma sobre as condições da filha, isto é, que ela era portadora da síndrome de dawon deixando que percebessem ao olharem para a bebê.

A mãe continuou relatando que no início foi difícil, pois, não sabia como agir com G. nem tão pouco com as pessoas que insistiam em perguntar se ela era

doente ou mongoloide, fazendo com que se sentisse envergonhada . Foi então que decidiu procurar ajuda na Associação dos pais e amigos dos excepcionais (APE), onde G. recebe acompanhamento desde os seis meses de idade. Portanto, a hipótese diagnosticada é de caráter do afeto.

2.1.2 PAREJA EDUCATIVA

Trata-se de uma técnica desenvolvida por Olivero e Plácios, na Argentina, entre os anos de 1980 a 1990. O Pareja educativa é uma prova projetista, onde o psicopedagogo tem a possibilidade, de através do desenho, de uma pessoa que ensina e outra que aprende, observar a relação do aprendente com a aprendizagem, o vínculo afetivo que ele possui com o professor. De acordo com Weiss (2008, p.123) “è fundamental captar as relações de cada estímulo dado, seja verbal ou gráfico, com os possíveis vínculos existentes, positivos ou negativos, construídos pelo aprendiz”

Pois, o vínculo afetivo positivo é de suma importância para que o aluno tenha bom desempenho na sua vida acadêmica, para isso é necessário que ele, sinta afeto, carinho e principalmente respeito por parte de quem está conduzindo o processo ensino aprendizagem. Segundo Gabriel Chalita no seu livro Pedagogia do amor:”a palavra respeito vem do latim respectus, que quer dizer “ação de olhar para trás; consideração, respeito, atenção, conta, asilo, acolhida, refúgio”.

O autor ilustra com a história do patinho feio, a importância do respeito, do afeto, nessa história, o patinho feio sofreu muito por ser rejeitado por outros animais que o achavam feio e diferente. E a alegria dele é quando encontrou quem o respeitasse e tratasse bem. Assim é com nosso aprendente ou seja, através do amor e respeito ele consegue vencer as dificuldades e avançar no processo ensino aprendizagem.

Essa troca mútua de amor e respeito, faz com que o aprendente se sinta seguro e confiante em se mesmo, fazendo com que comece a explorar cada vez mais, o ambiente, ou objeto, proporcionando de forma efetiva e agradável, a aprendizagem.

Mas, o contrário também, é verdadeiro, se a pessoa que ensina, não consegue estabelecer este vínculo afetivo, respeito e confiança, não conseguirá as condições adequadas para que o aprendente, busque o conhecimento, ou mesmo deseje buscá-lo.

No início da sessão, houve uma pequena conversa informal com aprendente, perguntando como ela estava, a qual ela respondeu que estava bem, em seguida, G. sentou-se em uma mesinha com uma folha tipo ofício, um lápis e uma borracha encima, então foi dada a consigna para que ela desenhasse uma pessoa que está ensinando e outra que está aprendendo.

Ao observá-la durante a atividade, percebe-se que tenta desenhar mas pega a borracha apaga e recomeça algumas vezes, abaixa a cabeça sobre a mesa, depois de alguns minutos, volta a desenhar . Após o término da atividade, verifica-se que a aprendente fez garatujas, então, algumas perguntas foram feitas, com o objetivo de se construir um inventário:

P- O que você desenhou?

G – G. e titia(a tia a quem ela se referia era a professora)

P – Me mostre onde está a G.

G – aqui (mostrando com o dedinho o seguinte desenho)

P – Me mostre onde está a titia?

G - aqui (mostrando com o dedinho o seguinte desenho)

P – onde elas estão?

G – Na sala

P-O que estão fazendo?

G – história(com esta resposta ela parecia quere dizer que a tia está contando uma história)

Embora ela fizesse garatujas, soube identificar quem aprende bem pertinho de quem ensina, sendo quem ensina um pouco maior do que quem aprende. Podendo assim verificar, a existência de um vínculo afetivo, entre a professora e a aprendente.

2.1.3 Verificação da superação ou não do realismo nominal

Através do realismo nominal percebe-se a dificuldade que a criança tem de não perceber a palavra e o objeto que lhe é apresentado são duas realidades distintas. De acordo com Monte serrat(2009,pg.208)”Isto significa que a criança não entende a escrita como forma de representação, que possui características próprias, independente do objeto que representa.”

O aluno conseguirá avançar e superar o realismo nominal, através da mediação com adultos, crianças maiores. Sendo assim, é um importante teste que o psicopedagogo pode “lançar mão”, para levantar algumas hipóteses que no decorrer do psicodiagnóstico poderão ser comprovadas ou não.

O teste, consiste em apresentar ao aprendente algumas fichas com figuras de coisas ou objetos, juntamente com seu nome. Durante o teste, interroga-se o aprendente, com o objetivo de descobrir se ele consegue nomear a figura, em seguida, com as fichas, qual nome é maior, ou seja, tem maior número de letras.

No início da sessão, foi dito a G. que hoje teríamos uma atividade diferente, então ela foi se sentar no tapete, como estava a vontade, realizamos o teste no tapete mesmo. Quando foi pedido para G. que falasse uma palavra grande, depois uma pequena, ela não conseguiu e assim se seguiu com as outras perguntas. Então, partimos para as fichas com figuras e com palavras.

Durante a realização da verificação da superação ou não do realismo nominal, percebemos que G. consegue nomear as figuras que lhe foram apresentadas algumas por associação, como por exemplo quando ela viu a figura de uma igreja, imediatamente respondeu que era Deus. Nos dando uma dica de que seria um caminho para sua alfabetização.

Contudo, ao término do teste, foi percebido, que G., embora identifica algumas letras, ainda não compreende sílabas, nem tamanho relacionado a palavra, mostrando que não supera o realismo nominal

2.1.4 Diagnóstico de leitura

O diagnóstico de leitura é um dos recursos, que o professor, principalmente de alfabetização, pode utilizar para que as suas intervenções, durante o processo de ensino aprendizagem tenham um resultado positivo e que o aluno consiga avançar. Como adverte Ferreiro (1985, p.95), mesmo que não saiba ler e escrever convencionalmente, o alfabetizando pensa sobre o objeto do conhecimento, constrói hipóteses acerca da leitura e da escrita, vivencia conflitos cognitivos e, nos seus esforços para solucionar os conflitos, avança na construção do conhecimento.

Para que o aluno possa avançar nas hipóteses de evolução da escrita é necessário que o professor conheça, aplique e faça o análise corretamente do diagnóstico. Assim, poderá elaborar atividades e intervenções que possam ajudar

alcançar seu objetivo. Para G. no diagnóstico realizado, foi utilizado o campo semântico sobre uma festa de aniversário, já que ela tinha feito aniversário a poucos dias atrás.

- Oi G. tudo bem?

- Tudo.

- Fiquei sabendo que você, fez aniversário?

- Sim.

- O que a mamãe fez, para você no dia do aniversário?

- Bolo, gostoso

- Que delícia!

- O que mais?

- balinha, pipoca, pirulito.

- Você pode escrever pirulito nesta folha?

G. concordou que escreveria e começou. Fez algumas garatujas . Foi pedido que lesse e ela leu Pirulito. Então, que escrevesse pipoca, que é uma palavra trissílaba, em seguida uma palavra dissílaba bolo, finalizando com uma palavra monossílaba pão. Depois, a conversar com G. continuou:

- destas comidas gostosas que a mamãe fez qual você mais gosta?

- Eu gosto de bolo.

- Você escreve o que você falou aqui nesta folha?

- Sim. (E começou a escrever)

Ao analisar os dados, de acordo com que foi apresentado. Percebe-se que a aprendente encontra-se fazendo ainda garatujas, embora, tente fazer principalmente a letrinha G, do seu nome e a letrinha A.

É importante que proporcione a esta criança, acesso ao alfabeto móvel, revistas, jornais, livros de histórias infantis, fichas com palavras do seu cotidiano, textos variados, etc., para que ela possa vir a perceber que para escrever palavras usa-se letras. E assim com as intervenções corretas ela irá avançando gradativamente.

2.1.5 Leitura de imagens

A leitura de imagem é uma das possibilidades apresentada ao aprendente a qual deve se apropriar desta forma de leitura, desde a pré-escola, possibilitando assim, a compreensão e interpretação de textos, despertar a imaginação e o gosto pela leitura. Pois, para Monte Serrat (2009, pg 214) “antes de as crianças lerem, elas interpretam os diversos textos que encontram no seu meio, tais como: livros, embalagens, propagandas, histórias em quadrinhos, etc.”

A leitura de imagens, juntamente com os textos, ajudará o aluno a iniciar no mundo da leitura, percebendo que a escrita muitas vezes representam, através de signos, o que as imagens estão mostrando.

Segundo Maíra Althoff De Bettio, no seu artigo Leitura de Imagens como Facilitadora para Interpretação de Textos: “Com as turmas das séries iniciais, a apresentação de figuras acompanhada do texto expande a imaginação e favorece a relação de mundo dos pequenos.”

Sendo assim, o ensinante não pode deixar de planejar momentos agradáveis de leitura, pois poderá estar “criando,” um mundo de leitores. Para o psicopedagogo, será usado como mais um teste para a elaboração do psicodiagnóstico, mostrando-lhe, se o aprendente já faz leitura de imagens, se possui sequência lógica, início, meio e fim.

Hoje, a sala foi preparada, com um tapete e uma caixa de leitura, contendo alguns livros com imagens e textos e outros só imagens. Quando viu a caixa a aprendente queria logo pegar.

-Oi G. tudo bem?

-Tudo.

-Você viu esta caixa?

-Sim.

-É uma caixa de leitura, nela tem alguns livros. você quer vê?

-Sim.

Então, G. abriu a caixa e escolheu um livro de imagens, “confusão no jardim”, ficou foliando um tempo. Depois, houve outro pequeno diálogo com a aprendente:

-G. você gostou desse livro?

-Gostou.

-Você pode ler a história para mim?

-Sim.

A aprendente se concentrou e começou a relatar o nome das figuras que contém o livro. Em seguida foi entregue para G. outro livro, este contendo imagens e textos. Ela ficou foliando novamente. Ao pedir que lesse a história, G. começou a ler. Verificou-se desta vez, que ela se deteve em falar as letrinhas conhecidas por ela, que pareciam no texto.

Nesta atividade, percebe-se que a aprendente ainda não possui maturidade para compreensão de texto e não possui sequência lógica, de início, meio e fim da história.

2.1.6 Aplicando o jogo da memória

O jogo da memória é muito importante para o desenvolvimento da criança, através dele, podemos estimular ainda mais o aprendizado das nossas crianças, estimulando o raciocínio lógico, a criatividade e a memorização.

Despertando, nos pequenos, gosto pelo trabalho em equipe, como também a importância de se conhecer e obedecer as regras de uma forma agradável e divertida. Melhorando até mesmo o comportamento diante das regras que surgem em casa, na escola, etc. Para que seja um cidadão consciente de seus direitos e deveres. Tenha a visão crítica de que a regra serve para organizar e tornar a vida mais fácil e não que seja algo ruim.

Segundo Tizuko Morchida, organizadora (2011, p.15) "o jogo contempla várias formas de representação da criança ou suas múltiplas inteligências, contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil."

Desta forma, se bem utilizado, bem direcionado e com objetivos específicos, o jogo pode auxiliar o trabalho do professor, tornando suas aulas mais criativas e agradáveis.

Para o psicopedagogo, a hora do jogo pedagógico é importante, pois através dele pode se verificar, a criatividade, a atenção que o aprendente tem no decorrer do jogo, como também, o seu comportamento diante das regras, das situações de ganhar e perder. Podendo assim, ajudar a levantar mais algumas hipóteses para o psicodiagnóstico.

Para essa sessão, se preparou uma mesinha com um jogo da memória. Ao receber a G. foi mostrado a mesinha com o jogo em cima. Ao se sentar, houve um pequeno diálogo com a aprendente :

-Oi G. tudo bem?

-Tudo.

-Você conhece esse jogo?

- Patati, Patata.

-Há, muito bem, você conhece estes palhacinhos ?

-Sim.

- G. este jogo se chama jogo da memória.

-jogo da memória?

-Isso mesmo,jogo da memória.

- Vamos brincar?

-Como?

-Vou te explicar como se brinca.

Então, foi explicado a aprendente,como se joga, quais as regras. No começo G. não conseguiu entender a dinâmica do jogo, jogamos algumas vezes, para que pudesse entender o significado das palavras, igual e diferente. Mas ao finalizar a sessão G. já iniciava um processo de aquisição destas duas palavras aumentando assim, o seu vocabulário. Percebemos também, que ela durante o jogo estava atenta, prestando atenção. Mostrou euforia, quando conseguia, formar os pares. Quando não conseguia, parecia desapontada. Dando indícios de que aprendente tem algumas dificuldade com relação a “perder” ou não ganhar o jogo o qual está participando.

2.1.7 Trabalhando com alfabeto móvel

O alfabeto móvel é um dos materiais pedagógico que pode auxiliar muito o ensinante, especialmente quando a criança se encontra na pré-escola ou mesmo na alfabetização. Podendo utilizá-lo para que eles possam com a ajuda do alfabeto a escrita do nome próprio, pois esta será uma das mais importantes conquistas da criança, onde começa a entrar em contato com o mundo das letras.e a aprender que tudo que falamos pode ser representados por letras.

Nome próprio tem papel fundamental no processo de alfabetização do nosso aluno, pois representa um passo importante de sua entrada no mundo da escrita, desta forma ele começa a observar como a escrita está organizada e a ordem das letras em uma escrita convencional.

Esta atividade poderá ser usada pelo psicopedagogo, com o objetivo de se levantar algumas hipóteses para fazer o psicodiagnóstico, verificando se o aprendiz já compreende que se escreve com letras e que estas podem representar o que falamos.

E se ao final do psicodiagnóstico, se concluir a necessidade de um acompanhamento com psicopedagogo, este poderá trabalhar com o alfabeto móvel para que, com sua intervenção, o aprendiz avance nas hipóteses da escrita.

Nesta sessão preparamos um tapete, com o alfabeto móvel, espalhado por ele, G. entrou na sala e se sentou e começamos com uma conversa informal:

- Oi G. tudo bem?

- Oi tudo

-G. O que você está vendo neste patete? (ela ficou olhando por alguns minutos, e pegando a letrinha g falou seu nome)

- Muito bem esta é a letrinha do nome da G.

- G. estas, são as letrinhas do alfabeto.

-Vamos ver se você conhece as letrinhas?

-Vamos.

Então, foi mostrado as letrinhas, aleatoriamente, para que o aprendiz falasse o nome delas. Com esta atividade pode verificar que G. conhece algumas letras, por meio de associação. Esta poderá ser uma boa dica para que se possa ajudar o aprendiz a avançar, no seu processo ensino aprendizagem.

Quando trabalhamos com um material pedagógico devemos ter bem planejado como, porque e para que eu vou utilizá-lo. Pois, ele não deve ser utilizado para “matar” o tempo, para deixar os aprendizes ocupados, evitando a indisciplina. Ao contrário um dos objetivos do trabalho com o alfabeto móvel deve ser ajudar a criança a diferenciar letras de números e desenho de escrita, como está organizada a escrita convencional. Porém, esse trabalho, precisa ser feito de modo significativo para elas, buscando alcançar tais objetivos por meio de atividades diferenciadas que não contemplem cópias, repetições e pontilhados pois tais

atividades pouco contribuem para o desenvolvimento da criatividade da criança e para o prazer de aprender.

No caso da aprendente, percebe-se que ela aprecia muito as atividades com jogos, embora tenha dificuldade em entender, pelo menos no primeiro momento.

2.1.8 Jogo de boliche

Este jogo permitirá o desenvolvimento da coordenação motora da criança, e dependendo do objetivo que o professor queira atingir com ele, poderão ser trabalhados vários conteúdos como: identificação de letras e números, cores, contagem oral, etc.

O jogo na educação infantil, servirá não só para apresentar um conteúdo de forma agradável, como também alguns momentos prazerosos à criança. O jogo pedagógico possibilitará também para que a relação do professor com aluno se torne mais agradável, com a formação e fortalecimento do vínculo entre eles. Assim, se bem planejado com objetivos determinados, o jogo pedagógico se tornará um poderoso aliado no processo de aprendizagem da criança ao longo de sua vida acadêmica.

De acordo com Tizuku Morchida (2011, p.32) “Ao atender necessidades infantis, o jogo infantil torna-se forma adequada para a aprendizagem dos conteúdos escolares.”

Portanto, percebendo-se que ao brincar, ao participar de um jogo, a criança constrói e reconstrói simbolicamente sua realidade e recria o existente, como também constrói seu conhecimento, o professor deve ter este jogo como um grande aliado, no processo de aprendizagem.

Nesta sessão foi apresentado a G., um jogo de boliche, com o objetivo de verificar, se a aprendente identifica os números, consegue contar oralmente. Como também, perceber a coordenação motora de G.

Explicado, como se joga e as regras do jogo, iniciamos o jogo. Durante a realização do mesmo, a aprendente teve dificuldade em reconhecer os números e ao pedir para que contasse quantos pininhos derrubou, ela também teve dificuldade.

Com relação, a coordenação motora percebesse, que com certa limitação de movimento, G. conseguiu os movimentos de pegar a bola e jogar, embora, não muito

em linha reta, as vezes não derrubando pinos. Quando isso acontecia, de não derrubar pinos, a aprendente, mostrava irritação.

Contudo, com esta atividade percebe-se, que G. possui alguma dificuldade motora, e não identifica a maioria dos números e se confunde na contagem oral, trocando a ordem, se esquecendo dos números. Sugere-se a professora, já que foi percebido, o gosto que a aprendente tem pelos jogos, utilize-os para que ela possa avançar no processo de aprendizagem.

2.1.9 Jogo Cadê o anel

Este jogo, é uma versão, do jogo folclórico, ele foi confeccionado com algumas caixinhas de fósforo, enumeradas e o anel é colocado dentro de uma das caixinhas, as crianças devem dizer o número da caixinha onde acreditam estar o anel.

Ele, pode ser uma das opções, que o ensinante tem para trabalhar, o respeito as regras, a socialização e como também conteúdos como por exemplo, a identificação e reconhecimento de números.

Tizuko Morchida (2011, p.21) , diz que “utilizar o jogo na educação infantil significa transportar para o campo do ensino-aprendizagem condições para maximizar a construção do conhecimento...”

As crianças gostam muito de jogos pedagógicos, e o ensinante deve aproveitar, este gosto por desafios que elas tem para tornar suas aulas, mais criativas e estimulantes, fazendo com que seus alunos brincando se apropriem do conhecimento.

Quando a aprendente chegou, para mais um encontro, foi apresentado á ela, a caixinha, com o jogo do anel. Após, falado para G. que era um jogo, as regras e como se joga. Iniciou-se o jogo. Durante a realização percebe-se a dificuldade da aprendente, de entender como funcionava o jogo, bem como, a identificação e o reconhecimento dos números.

2.1.10 Jogo de bingo de letras

Ao receber a aprendente, foi realizada algumas perguntas como por exemplo como ela estava, com o objetivo de estreitar a amizade e confiança entre aprendente terapeuta. Então, G. se encaminhou para o tapete, ela insistia em brincar com a

caixa lúdica que ali se encontrava, porém, com negativa a sua insistência, esperou que lhe falasse o que iria acontecer, então iniciou-se um pequeno diálogo:

- Hoje não iremos brincar com a caixa, certo?

- sim

-Sim.

Então, foi colocado sobre o tapete, o jogo de bingo de letras,e continuou-se o diálogo com G.

-Você conhece este jogo?

- Não,

- Este jogo de bingo?

Mostrando a cartela de bingo, e apontando letra por letra foi solicitado a G. que disse o nome de cada uma, ela conseguiu falar o nome de algumas delas,como por exemplo o g (letra inicial do seu nome),X de Xuxa e outras. Após esse passo, foi explicado as regras e como se joga, por fim iniciou-se o jogo. No início a G. não conseguiu entender, porém, depois de algumas partidas, ela começou a aprender a dinâmica do jogo.

Durante o jogo percebe-se que a aprendente,tem dificuldade em entender regras e os passos do jogo.Contudo, verifica um crescimento gradativo das letras do alfabeto.

2.1.11 Jogo da memória de números e quantidades

Para a sessão de hoje foi preparado uma parede com o jogo da memória fixado nela. Quando a aprendente chegou, ela recebeu logo de imediato a consigna de participaria de uma brincadeira muito legal.

Então, foi explicado de que se tratava de um jogo da memória.Em seguida,foi perguntado a ela, o nome dos números , solicitado que contasse o número de figuras de cada folha e por fim explicado as regras do jogo e como se joga.

Após ter jogado algumas vezes, verificou-se que G. conhecia alguns números como também consegue fazer a contagem oralmente de um até dez, sem dificuldade, esta apareceu quando a contagem foi ampliada de onze até dezoito. Mostrando que a aprendente, se bem estimulada, poderá ter um avanço significativo na área da matemática.

Este jogo poderá ser um instrumento significativo, para o trabalho do psicopedagogo, pois, através do jogo ele poderá ser intervenções que facilitará o

avanço da aprendente no processo da aprendizagem.

2.1.12 Provas operacionais de Piaget

Antes das provas serem aplicadas, o psicopedagogo precisa se preparar, com antecedência para aplicá-las, estudando o passo a passo da prova, verificar a organização da sala e de todos os materiais que serão utilizados.

Além de ter todos estes cuidados, ao dar a consigna, deve-se ter certeza que o aprendente entendeu, o que irá acontecer e o que deve fazer e realizar uma prova de cada vez. Para que não haja confusão por parte do aprendente, nem do psicopedagogo, que deverá registrar com propriedade e maior riquezas de detalhes possível.

É o que nos diz Weiss (2008,p.103) : “Apresenta um recurso a mais a ser explorado pelo terapeuta em alguns casos”. Desta forma, as provas podem ser selecionadas e aplicadas de acordo com a necessidade surgidas em função de hipóteses levantadas.

1) Conservação das quantidades de líquidos

Ao chegar G. foi apresentada ao material,fazendo com que ela verificasse que os dois recipientes (A,A) são iguais.Então , é despejado água em A e é solicitado, que despeje água em A na mesma quantidade que está em A.Em seguida foi perguntado a aprendente:

-Se você beber o que está em A e eu o que está em A, será que vamos beber a mesma quantidade de água?

-Sim.

No segundo transvasamento, pede-se que G. preste muita atenção,em seguida, Despeja-se a água de A no vidrinho E (mais estreito e mais alto que o A).É feito a pergunta outra vez:

-E agora vamos beber a mesma quantidade?

- Não.

-Por quê?

-Porque, esse copo (apontando o copo E), tem mais água.

-Como você sabe?

-Porque esse é alto (E) e esse é baixinho (E).

Terceiro transvasamento,apresentou-se a aprendente, um copo A e um copo L (mais baixo e largo que o copo A).despejou-se água de A em L, perguntando a G.:

- Agora vamos beber a mesma quantidade de água?

-Não, esse tem mais (mostrando o copo A).

-Como você descobriu?

-Porque ele é grande.

Em seguida, foi apresentada a contra-argumentação e o retorno empírico, ela vacilou na resposta.

Quarto transvasamento,onde foi despejado o líquido de A em quatro copinhos P1, P2, P3, P4.Foram feitas as mesmas perguntas, as quais a aprendente respondeu que o copo A tem mais água, do que os quatros pequenos, porque ele (A) é maior.Quanto à contra- argumentação e ao retorno empírico, foram feitos os mesmos procedimentos.

2) Conservação de quantidades

Para o desenvolvimento desta prova foram entregues pra a aprendente duas massas de modelar (cores diferentes), pede-se que a criança faça duas bolas. Então foi perguntado a G.:

-Se fossem bolinhos e a gente pudesse comê-los seria preciso que houvesse a mesma quantidade para comer?

-Sim.

Em seguida, foi feita uma salsicha com uma das bolas. A ela foi perguntado:

- E agora, será que tem a mesma quantidade de massa na bola e na salsicha ?

-Não nessa aqui tem mais (mostrando a salsicha).

-Como você sabe?

-Essa aqui (mostrando a salsicha), ela é maior.

Pós, a realização, da contra argumentação,em que ela se mostrou vacilante ao responder, pois, ora tinha a mesma quantidade, ora era diferente.Diante dessa conduta percebe-se que G.,em cada transformação,uma das duas quantidades era julgada maior e a outra menor. Mostrando dificuldade em compreender a

conservação de matéria, mostrando que G. não atingiu o nível operatório nesse domínio.

3) Conservação de peso

Ao chegar na sala, foi apresentada a aprendente, alguns materiais, como, pedra, apontador, bolas de massinha e uma balança, perguntando:

-você sabe o que é isto? (mostrando a balança).

-Não.

-Esta é uma balança,ela serve para a gente ver, se um objeto, é mais ou menos pesado que outro.

Depois, é pedido que a aprendente faça duas bolas que tenham o mesmo peso, para isso usando a balança.Fazendo uma salsicha com uma das bolas de G.,E fingindo que iria pesá-la.Perguntando:

-Você pensa que a salsicha tem o mesmo peso que a bola?

- Não essa (mostrando a salsicha) pesa mais.

-Como é que você sabe?

-Porque ela é maior.

No retorno empírico: se procederá como nas provas anteriores e durante a realização do teste, verificou-se que a G..oscilou nas respostas,teve dúvidas .Mostrando dificuldade em compreender a conservação de matéria, mostrando que G. não atingiu o nível operatório nesse domínio.

4) Conservação de comprimento

É entregue a aprendente, dois barbantes de tamanhos diferentes, como por exemplo um barbante (A) com 15 cm e outro B com 10cm, para que ela constate e afirme a desigualdade dos barbantes.

Após, ter colocado os barbantes esticados um ao lado do outro, e Brincando com G., dizendo:

-Estas são duas estradinhas,será que andaremos a mesma distancia?

-Não sei

-Veja bem, qual delas é mais comprida?

- essa (mostrando o barbante A.

Após a resposta, procedimento com relação a contra-argumentação e ao retorno empírico são os mesmos das provas anteriores.

Em seguida, o barbante maior (A) foi transformado em curvas, e feitas as mesmas perguntas, a aprendente respondeu que o maior seria o barbante B. Mostrando dificuldade em compreender a conservação de matéria, mostrando que G. não atingiu o nível operatório nesse domínio.

2.1.13 A hora do jogo diagnóstica

Para este momento. O psicopedagogo, deve preparar o ambiente, onde o aprendente se sinta a vontade, brincando, mesmo com alguém lhe observando e anotando tudo que esta fazendo.

A caixa, deve estar em um lugar onde permita, que o aprendente manipule e brinque como e com o que desejar. Ela deverá ter uma tampa fácil de se retirar e conter alguns brinquedos e objetos, que ajudem o psicopedagogo a levantar ou confirmar hipóteses, para o diagnóstico. Para isso

Para Tizuko Morchida (2011, pg. 45) “Construindo e destruindo, a criança expressa seu imaginário, seus problemas e permite aos terapeutas o diagnóstico de dificuldades...”

Isso é possível, porque quando brinca a criança entra no mundo imaginário, mundo que é só dela. É através da brincadeira, que ela sai do mundo real, criando situações onde possa realizar aquilo que deseja, mostrando muitas vezes como se sente.

No caso da G. a caixa foi preparada e colocada em cima do tapete, de modo que ela se sentasse a vontade, e brincasse da forma mais espontânea possível.

Coloquei a ela a seguinte consigna: - G. dentro dessa caixa tem alguns brinquedos, para que você brinque com o que quiser, e enquanto você brinca, anotarei o que esta fazendo. Foi considerado, como base para fazer a análise, para o diagnóstico, a escolha dos brinquedos, modalidades das brincadeiras etc.

Durante a realização da hora do jogo, percebe-se que G. gosta de brincar, ela retirou vários brinquedos, até que pegou algumas mobílias, para montar uma casinha, a mamãe e a filha e brincou por algum tempo. Por vezes parecia “mergulhada” na imaginação, dialogando com a mãe. Com essa observação, verifica-se que ela não cria algo novo, apenas recria seu cotidiano. Expressou-se através de

suas fantasias, assumindo o papel da mamãe, carinhosa, cuidadosa. Ao término da hora do jogo, foi perguntado a G.

-Com o que você brincava?

-Mamãe.

-Onde a mamãe estava?

-Na casa.

-Ela gosta da casa?

-Sim.

-O que ela estava fazendo?

-Comida pra G.

-Quem é a G.?

-A menina.

-Como é a menina?

-custosa.

-O que é ser custosa G.?

-não sei

-Que falou que a menina é custosa?

-A mamãe.

A aprendente mostrou nesse diálogo, que sua mamãe é cuidadosa, mas algumas vezes, deixou que ela ouvisse algumas conversas, que G. não precisaria ouvir, talvez por pensar que ela não estaria ouvindo ou não entendia o que estava falando.

CAPÍTULO 3- RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

3.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO:

1)DADOS PESSOAIS:

Aprendente: G.

Data de Nascimento:

Idade: 6 anos completos

C.M.E.I. Maura Helena de O. Simões

Ano :Jardim II

2) MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO:

- Queixa da escola:

E uma criança com necessidades especiais, é uma criança dawon.

3)TEMPO DE INVESTIGAÇÃO:

- Período de investigação:

02 / 09 /11 a 28 / 10 /11

- Número de sessões:

16 Sessões

4)INSTRUMENTOS USADOS:

Os instrumentos utilizados para análise:

- Anamnese
- Pareja Educativa
- Provas Pedagógicas (leitura de imagens,diagnóstico de leitura)
- Provas operacionais de Piaget
- Jogos Pedagógicos (jogo da memória,alfabeto móvel,boliche,cadê o anel?)
- Hora do jogo diagnóstico

5) ANÁLISE DOS RESULTADOS:

- Aspecto afetivo /emocional:

Nos testes projetivos, pode-se notar, que G. tem um vínculo afetivo muito grande com a mãe, com a irmã e com a professora, já que tudo que era pedido para que ela fizesse, incluía a mãe, a irmã e a professora, no paraja educativo, na hora lúdica, por exemplo.

Portanto, não apresentando aspecto afetivo/emocional.

- Aspecto social /cultural:

A mãe de G. é do lar, e o pai pedreiro, então ela vem de uma família de baixa renda, tanto pai como a mãe estudaram até o 5º com dificuldade, motivo pelo qual muitas vezes a mãe não consegue entender alguns termos relacionados a síndrome de Dawson nem como pode ajudar a G. a se desenvolver, ela se queixou que nem a outra filha, está conseguindo ajudar nos estudos. Deste modo verificou-se que G. possui um obstáculo de aprendizagem epistêmicos, pois tem limitações de conhecimento.

- Aspecto corporal:

Através dos jogos como por exemplo o de boliche, nota-se que G. tem algumas limitações de coordenação motora, para ela foi difícil pegar a bolinha e soltar em linha reta para que atingisse e derrubasse os pinos, mostrando que sua coordenação e equilíbrio necessitando ser trabalhados.

- Aspecto cognitivo Pedagógico:

É uma criança que tem seis anos completos, com necessidades especiais. De acordo com a epistemologia genética de Piaget, está na fase pré-operacional com dificuldades acentuadas com relação a cognição, como por exemplo não conseguindo identificar que se escreve com letras, não conseguindo atingir o nível operatório no final das provas de Piaget.

6) SÍNTESE DOS RESULTADOS:

A 1ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo

A 2ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo

Ao ser analisados os resultados dos testes e levantadas as hipóteses, verifica-se que G. apresenta obstáculo epistemofílico, provavelmente causado pela falta de vínculo afetivo com o pai, que de acordo com os relatos da mãe, desde de bebê se mostra um pouco distante da vida da aprendente, apresenta também obstáculo epistêmico com processo de assimilação e acomodação em desequilíbrio, tendo assim uma modalidade de aprendizagem hiperassimilativa e hiperacomodativa.

7) RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES

Será Indicado que a G. tenha um acompanhamento psicopedagógico, para haja um estudo mais aprofundado, com o objetivo de se identificar onde está a origem do problema, e assim o psicopedagogo poderá aplicar as intervenções de modo que possa sanar as dificuldades, fazendo com que avance no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fátima. Para entender Síndrome de Down, Rio de Janeiro. Wark Editora 2007.

BARBOSA, Laura de Monte Serrat. Psicopedagogia: Um diálogo entre a psicopedagogia e a educação, Curitiba, Bolsa Nacional do livro, 2009.

BETTIO, Maíra Althoff De, Leitura de Imagens como Facilitadora para Interpretação de Textos: Disponível em: www.infoescola.com › Ciências › Pedagogia, acesso em: 22 de dezembro de 2012.

CHALITA, Gabriel. Pedagogia do amor, São Paulo, Ed. Gente, 2003.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14 ed. São Paulo, Cortez Editora,

PAÍN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos problemas de aprendizagem, Porto Alegre: Artmed, 1985.

PORTO, Olivia. Bases da Psicopedagogia, Diagnóstico e Intervenção nos problemas de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2007.

WEISS, Maria Lúcia. Uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ANEXOS